

Os "Brasileiros" da Emigração

Razões locais para um debate

Jorge Fernandes Alves

A iniciativa municipal de promover um debate sobre a emigração para o Brasil e respectivo retorno, no âmbito da inauguração do recuperado Palácio do Barão da Trovisqueira como Museu Bernardino Machado, assume um indiscutível papel de síntese histórica, do maior significado a vários níveis

A tradicional emigração para o Brasil, que constituiu, durante mais de um século, um elemento social e económico determinante para a nossa sobrevivência como Nação independente, não poderá ser esquecida no conjunto dos actos de rememoração histórica que se vão desenvolver a propósito do V centenário da Descoberta das Terras de Santa Cruz. A emigração, no afluxo de gentes que atraiu, nos reflexos que propiciou, nos processos sociais e económicos que desencadeou, constituiu uma *permanente descoberta*, por sucessivas gerações, de um mundo novo, em que nos foi dada a possibilidade de participar e ajudar à sua construção, num processo de mútuo enriquecimento, para lá de todos os problemas que sempre existiram nos choques de culturas. É este significado genérico um dos aspectos que aqui se deverá assinalar, num contributo que posiciona Vila Nova de Famalicão claramente na dianteira de um esforço reflexivo que será sempre a vertente mais fértil dos actos comemorativos (refira-se que está prevista para finais de 1999 uma exposição sobre a emigração nortenha para o Brasil, a realizar no museu Bernardino Machado, integrada numa exposição mais ampla e multipolar que envolve várias instituições de Portugal e

Brasil). E poderia ser de outro modo, quando aqui nasceram ou viveram alguns dos grandes publicistas ou promotores efectivos da aproximação luso-brasileira, bastando recordar nomes como Bernardino Machado, Sousa Fernandes, Nuno Simões ou os irmãos Cupertino de Miranda (António e Artur)?

Por outro lado, se a emigração para o Brasil marcou profundamente, ao longo dos tempos, a região do Noroeste português, teve no concelho de Famalicão um foco muito activo. Todos os anos daqui partiam largas dezenas de emigrantes, às vezes a ultrapassar as duas centenas, se tentarmos contabilizar as saídas de famalicenses com passaporte obtido no Porto (para onde muitos se deslocavam previamente à emigração, para o comércio e outros trabalhos urbanos) ou por Braga, sede do seu distrito. Num concelho profundamente agrícola, o êxodo rural para o meio urbano e, principalmente, a emigração constituíram a válvula de escape que produziu os equilíbrios demográficos e amainou as tensões sociais. Efeito que terá persistido mesmo após a revolução têxtil que nos finais do século passado alterou o tecido económico regional, pois este sector criava emprego mas ocupava essencialmente uma mão-de-obra jovem e feminina, continuando a não absorver grande parte da população activa masculina, e tendo, por outro lado, até um efeito destruidor do artesanato do linho e das pequenas oficinas que entretanto se dedicavam às sedas, aos veludos e mesmo à tecelagem de algodão, incapazes de sobreviverem face à concentração fabril operada. Debater a emigração é, assim, descer às raízes da nossa herança social, que repartiu pelo mundo quase todas as famílias do Noroeste e produziu laços estreitos de parentesco entre numerosas pessoas de Portugal e do Brasil.

Sem esquecermos ainda que muitos dos que tinham partido voltavam e se dedicavam de novo ao trabalho comercial, industrial ou agrícola, renovando e/ou

ampliando as suas unidades de trabalho, participando mais intensamente da vida política e social, de forma relativamente discreta, sem a visibilidade que uns poucos alcançaram, através de títulos nobiliárquicos ou de elevados estatutos sociais, aos quais se reduz muitas vezes a ideia de retorno para se afirmar uma pequena expressão quantitativa que é claramente subavaliada. Em qualquer caso, ricos ou apenas remediados modificavam a paisagem, tanto a social como a material, com as suas novas casas, erguidas ou apenas reconstruídas, trazendo para o campo os novos materiais que a revolução industrial produzia em quantidade e a preços mais acessíveis. Em 1864, um influente jornalista lisboeta, de seu nome Ribeiro de Sá, de viagem entre Guimarães e Famalicão, insistia na pujança do verde que sempre cobria os vales, mas não conseguia passar indiferente a uma novidade, o vidro utilizado nas novas casas, destoando da imagem tradicional dos casebres de granito:

O que se torna mais notável na estrada de Guimarães são os frescos vales e os elevados montes, todos arborizados, onde se escondem entre abundantes ramadas e arbustos variados, alvejantes casas, que pertencem aos chamados brasileiros, e nas quais, cada vidro, ao reflectir o clarão do dia, é como um foco de luz, para o viajante que vai seguindo a estrada¹.

O vidro banalizou-se, entretanto. Mas com a ajuda ainda deste autor podemos chegar mais rapidamente ao significado local que um encontro como este pode assumir, enquanto elemento integrado num processo mais vasto que visa inaugurar não só uma casa-museu, mas também um centro de estudos locais diversificados. Centro onde a emigração e retorno deverão ter um espaço próprio, como será natural,

¹ "Cartas provinciais-IX", O Comércio do Porto, 4.10.1864.

quer pela importância que a emigração assumiu localmente, bem como o retorno, bastando sublinhar a importância da sede do Museu, uma verdadeira "casa de brasileiro" na sua configuração mais típica. Casa erguida por José Francisco da Cruz, natural de Gavião (n. em 14.3.1824), para embarcar para o Rio de Janeiro em 1834, aos dez anos de idade, onde se integra no comércio local, abrindo mais tarde um negócio de fazendas por atacado na rua da Quitanda, retornando a Portugal pela primeira vez em 1851, e mais tarde definitivamente, ligando-se à política (deputado e autarca) e aos negócios (fábrica de lanifícios, concessões do carro "americano" em Coimbra e no Porto, ferrovia em Arganil), numa exposição pública que culmina com o título de Barão da Trovisqueira.

Basta, então, ouvir de novo Ribeiro de Sá, na continuação da sua viagem ao Minho, para percebermos a importância local dos "brasileiros" e o lugar central que o palacete do barão da Trovisqueira assumia (alojou por duas vezes a família real, D. Pedro V, em 1861, e D. Luís, em 1865). Apelamos para isso a uma transcrição que vale a pena alongar, pois revela algumas curiosidades locais e estou convencido não ser do conhecimento geral:

Chegamos a Vila Nova ainda de noite.

É terra muito minha conhecida. Paramos no hotel Vilanovense, que fica perto do princípio da estrada de Guimarães. É um excelente hotel. Poucos se encontram melhores, mesmo fora do país em terras de segunda ou terceira ordem. Tem uma escada elegante e vistosa, salas e quartos espaçosos. O serviço depende da hora a que se chega. É bom para os que aí chegam do anoitecer até às onze horas da noite e péssimo para os que têm a desgraça de aí entrar desta hora em diante até à madrugada. A água é quase sempre péssima,

e o café muitas vezes envenenador. De dia a comida é boa, mas toscamente feita. Por esse lado a hospedaria carece de melhoramentos, para ficar de acordo com a terra em que está estabelecida, porque Vila Nova é das terras de Portugal aquela em que mais se evidencia o progresso. Da Vila Nova antiga, que eu ainda conheci há uma dúzia de anos, apenas existe a igreja e o extenso terreiro que a cerca. Os casebres e choupanas da estrada estão substituídos por palácios, alguns de risco elegante e todos solidamente construídos. É uma vila com aspecto verdadeiro de cidade.

Ao vastíssimo largo em que está a Igreja, segue-se uma rua formada pelas novas construções. Famalicão é um exemplo eloquentíssimo da influência das comunicações fáceis sobre a prosperidade dos povos. Dali partem as principais estradas do Minho. A de Braga, a de Viana e a de Guimarães.

Há doze anos conheci Famalicão uma aldeola, e hoje vejo-a tão próspera e povoada que sei de muitas cidades do Reino que não são menos ostentosas do que ela e que não têm a sua povoação e riqueza. É tudo obra das estradas e de muitos dos chamados brasileiros, à frente dos quais é dever citar o snr. Barão da Trovisqueira, cavalheiro que não perde ensejo de provar a sua afeição à Pátria.

Eu estava em Braga quando o ano passado aí chegou a fausta nova de que El-rei e a sua excelsa esposa honrariam a antiga primaz das Espanhas com a sua visita. Sabia que o snr. Barão da Trovisqueira tinha já bilhete para no primeiro paquete transatlântico ir para o Brasil, onde era exigida a sua presença por importantes e momentosos negócios comerciais da sua casa.

Como todos nos interessávamos em que a família real tivesse no Minho a mais afectuosa e brilhante recepção, lembra-me que perguntei a um amigo

onde descansaria em Vila Nova de Famalicão. A resposta que obtive é digna de memória, por honra do snr. Trovisqueira, e digna de título muito mais elevado do que aquele que lhe cobre o nome.

Eis aqui a resposta:

No governo civil consta já que a família real descansará em Famalicão no mesmo esplêndido palácio em que já tem descansado outras vezes, porque seu muito honrado proprietário, assim que soube da vinda de suas Magestades ao Minho, decidiu não partir para o Brasil, e deu as mais terminantes ordens para que os reais viajantes tivessem em sua casa recepção faustosa em que elegantemente se alia a riqueza ao bom gosto.

Os filhos de Famalicão são dos mais inteligentes e laboriosos emigrantes para as terras de Santa Cruz, mas também são dos que exclusivamente destinam o pecúlio obtido à custa de tantos sacrifícios para o engrandecimento da terra natal.

Vila Nova de Famalicão, que diariamente vai crescendo e prosperando, que pelo seu ameno clima e lindos vales que a cercam tanto convida a demorada residência, não poderá em breve deixar de ter o seu monumento. Eu espero que ele seja o que deve ser, e que simbolize a gratidão de todo o Minho aos briosos e distintos filhos de Portugal residentes no Brasil.

Terá levado longos anos, mas não caiu em saco roto este desejo de Ribeiro de Sá, formulado em *O Comércio do Porto* de 28 de Setembro de 1864, para quem Famalicão se apresentava essencialmente como uma vila cuja afirmação passava pelos "brasileiros", emigrantes de retorno. Ainda que este texto não tenha estado subjacente à organização deste seminário, bem como ao projecto do Museu Bernardino Machado

e à sua inauguração, julgo importante referenciá-lo, como exemplo dos insondáveis desígnios com que a História nos cruza no tempo e nos valida a acção no espaço.

Com efeito, que melhor monumento se poderia erigir aos "brasileiros" da nossa emigração do que recuperar aquele edifício que no século passado foi um verdadeiro centro da vida social, fruto directo da emigração, o Palacete do Barão da Trovisqueira, para o perpetuar e transformar agora num elemento central da vida cultural famalicense, dedicado à memória e à investigação? E agregar-lhe a referência àquele que pode considerar-se como um dos melhores exemplos da síntese luso-brasileira, Bernardino Machado, nascido no Brasil, filho e neto de emigrantes, que acompanha os pais no retorno, para optar depois pela nacionalidade portuguesa e tornar-se num cientista de mérito e político que ascende aos mais altos cargos da Nação, só pode potenciar o simbolismo de um elemento que será sempre evocativo das ligações Portugal-Brasil. E assim teremos, na "casa de brasileiro" que o palacete do Barão da Trovisqueira configura, não um monumento passivo de evocação, mas um espaço aberto e activo, capaz de mobilizar a investigação e suscitar a discussão, não só da emigração como de toda a problemática social, económica e política, afinal o pano de fundo no qual radicam todas as explicações para a promoção da emigração ou para a sua superação, através de dispositivos locais de desenvolvimento.

É com uma discussão de base que hoje se inicia um desses debates, projectado já para o processo de arranque do Museu Bernardino Machado, ainda que se realize na Biblioteca Municipal, enquanto se ultimam as obras do Museu. O seminário "Os Brasileiros da Emigração" pretende, assim, constituir uma plataforma de apresentação de diferentes perspectivas sobre emigração, enquanto elemento fundamental das relações históricas entre Portugal e o Brasil, para o qual foram convidados

Alves, Jorge Fernandes - Razões locais para um debate. In *Os Brasileiros da Emigração*, V.N. de Famalicão: Museu Bernardino Machado/ C. M., 1999, p. 11-15.

investigadores que se tem debruçado, em termos gerais ou locais, sobre esta temática e aos quais temos de agradecer a disponibilidade para nele participarem.

Ao mesmo tempo, como investigador, não posso deixar de felicitar a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão não só pela realização deste seminário, mas também pela criação do Museu Bernardino Machado, pela obra de recuperação patrimonial que ele encerra e pelas perspectivas de investigação que se perfilam no horizonte